

## O NIILISMO COMO ESQUECIMENTO DO SER EM HEIDEGGER

RAFAEL GONÇALVES DA SILVEIRA<sup>1</sup>; LUÍS EDUARDO XAVIER RUBIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – tkl21rafael@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – luiseduardorubira@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a interpretação da filosofia de Nietzsche feita por Martin Heidegger e o modo como essa interpretação se articula com os problemas desenvolvidos no pensamento heideggeriano. Sublinhamos que a interpretação de Heidegger se caracteriza principalmente por compreender a filosofia de Nietzsche como sendo metafísica, sustentada esta metafísica no conceito de vontade de potência. Embora tal interpretação metafísica já tenha sido refutada pelos estudiosos de Nietzsche<sup>1</sup>, consideramos importante analisar aqui suas considerações sobre o conceito de niilismo e o modo como o intérprete alemão vai incorporar este termo em sua filosofia. Consideramos que o niilismo tem importância central na compreensão metafísica que Heidegger realiza sobre Nietzsche e se articula com os demais conceitos como vontade de potência, transvaloração de todos os valores, eterno retorno e além-do-homem de forma positiva.

Mas antes de seguir na análise da interpretação heideggeriana sobre o filósofo de *Assim Falava Zaratustra*, é necessário entender como Heidegger comprehende o ser humano e sua essência, bem como seus conceitos principais do ser-aí (Dasein) como ser-no-mundo. O ser humano é caracterizado no entender heideggeriano através de modos de expressão em que se é possível ser, e não por suas qualidades. Assim o ser-aí tem como essência a sua própria existência, e não em conteúdos materiais, pois conforme o autor o “ser-aí não é algo passível de objetivação. (HEIDEGGER, 2009)”. O autor identifica o ser da existência humana como ser-aí (Dasein) para mostrar que o ser humano “é um acontecer (Sein) que ocorre no aí (Da), lançado no mundo e que existe nesse movimento para fora (HEIDEGGER, 1989)”. Para compreendermos o ser-aí em Heidegger é preciso compreender o mundo e os entes que se tornam acessíveis dentro do mundo .O mundo, conforme aponta Casanova seria “a amplitude total do horizonte a partir do qual o ser-aí incessantemente se relaciona com os entes intramundanos, com os outros seres-aí e consigo mesmo. (CASANOVA, 2009)”.

Heidegger então realiza uma interpretação dos fenômenos como ser-aí no mundo, ou seja, trata-se da sua analítica do ser-aí (Daseinanalistik) interpretando ontologicamente o ser do ser-aí, ou Dasein. Para Nunes “se resumem na ideia de que o homem, como Dasein é um ser-no-mundo, e como ser-no-mundo é temporal e histórico (NUNES, 2004)”.

---

<sup>1</sup> Sobre a crítica a interpretação de Heidegger do pensamento de Nietzsche, destacamos principalmente o trabalho de Müller-Lauter, principalmente seus livros *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos da sua filosofia* e *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Müller-Lauter entende que “o todo em Nietzsche só se dá como caos. O ente enquanto tal não é mais fixável. Não teria, portanto, sentido falar de qualquer fundamento do ente em Nietzsche. (MÜLLER-LAUTER, 1997)”. Assim, para o autor, a interpretação metafísica de Heidegger é questionável, uma vez que não há em última instância uma estrutura metafísica no pensamento nietzschiano.

Partindo da compreensão prévia dos conceitos desenvolvidos por Heidegger desde o lançamento de sua obra *Ser e Tempo*, pretendemos compreender de forma mais clara como ele vai interpretar a filosofia nietzchiana nos dois volumes de suas preeleções intitulados *Nietzsche I* e *Nietzsche II*, publicados em 1961. Nessas obras vamos buscar entender qual o papel do niilismo na suposta metafísica nietzchiana em relação aos demais conceitos analisados por Heidegger e qual papel que o mesmo assume no filosofar heideggeriano.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho consistiu em análise e exegese da bibliografia principal constituída pelos dois volumes de *Nietzsche I* e *Nietzsche II* de Martin Heidegger. Também vamos consultar a obra *Ser e Tempo* de Heidegger para melhor compreender seus conceitos filosóficos bem como as obras de Nietzsche e seus fragmentos póstumos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Temos de considerar ao analisar as interpretações de Heidegger sobre a filosofia de Nietzsche que também está em jogo nesta análise o próprio pensamento heideggeriano na medida que o autor procura distinguir a questão diretriz e a questão primeira da filosofia. Distinguir a pergunta pelo que é o ente da questão pelo ser mesmo torna-se necessária na perspectiva de um esquecimento do “ser” por toda a história da filosofia. Essa distinção é de extrema importância para entender como a filosofia de Heidegger, principalmente o que foi estabelecido em *Ser e Tempo*, está por trás de sua interpretação da filosofia nietzschiana. Heidegger buscou tratar da diferença ontológica primando por uma filosofia de preparação e não de fundamento. Conforme apontou Ernildo Stein, Heidegger ao falar de superação da metafísica acabou retirando todas as ilusões de fundar a metafísica no “ente e no positivo” e ao adentrar na metafísica, fez como que víssemos nela “à moldura que dá unidade e funda nosso conhecimento positivo. Aqui Heidegger nos fala de necessidade de desconstrução da metafísica como presença. (STEIN, 2011)”.

Em sua obra máxima Heidegger pergunta: “Temos hoje uma resposta à questão do que significa a palavra ente? De modo nenhum. É pois justificável que se coloque de novo a questão do sentido do ser. (HEIDEGGER, 1988)”. No entender do autor quem questiona pelo significado da palavra ente somos nós na condição de *Dasein*. Somente o *Dasein* enquanto ente que somos, tem a condição de formular esta questão. Conforme Casanova: “Dito de maneira mais explícita: é a própria metafísica que se mostra para Heidegger como niilismo e que encerra em si mesma desde o seu despontar mais primordial a essência desse fenômeno”. (CASANOVA, 2012). A história da metafísica então é para Heidegger um processo de niilismo. O niilismo de Nietzsche será reinterpretado por Heidegger como o esquecimento do ser na história do ocidente. Deve-se salientar que o esquecimento do ser é a prevalência do ente na totalidade, como se só o ente fosse real. Nesse sentido Casanova também afirma que o conceito heideggeriano de niilismo aponta para a expressão “abandono do ser”: o abandono do ser é uma “expressão que designa o surgimento de uma determinada abertura do ente na totalidade (um mundo), na qual o ser abandona tão radicalmente o ente que esse parece vigorar como a única instância do real”.

(CASANOVA, 2012). É desta forma que Heidegger então reinterpreta o conceito nietzschiano e comprehende o niilismo contemporâneo.

Dessa forma, compreendemos que é na filosofia heideggeriana, sobretudo em *Ser e Tempo* e nas obras posteriores com todas as questões suscitadas por sua analítica existencial, que encontramos as pistas da compreensão do filósofo da floresta negra sobre o niilismo nietzschiano e sua suposta metafísica.

O filósofo de *Ser e Tempo* pensa a “metafísica” de Nietzsche a partir da articulação dos cinco conceitos nietzschianos centrais: o niilismo, a vontade de potência, o eterno retorno, a transvaloração de todos os valores e o além-do-homem. Nessa articulação, é através do conceito de niilismo que comprehende-se a desvalorização de todos os valores, pois conforme as palavras de Heidegger, os valores tradicionais “caducam”, perdem o sentido. Torna-se necessário novos valores e isso ocorre através de uma instauração ou transvaloração de todos os valores. Para instaurar novos valores será preciso também um novo princípio instaurador, que será a vontade de potência articulada ao eterno retorno através de um tipo especial de homem, o além-do-homem. Nesse primeiro movimento o conceito de niilismo parece ter um aspecto positivo dentro da filosofia de Nietzsche, no entender de Heidegger. O niilismo é o movimento de perda de sentido desses valores através da “morte de Deus”, o qual acarretará a necessidade de uma instauração de novos valores.

Ao trazer o conceito de niilismo para o interior do seu próprio modo de pensar, Heidegger parece mudar o sentido do mesmo. Se dentro da filosofia de Nietzsche o niilismo desempenha um papel positivo e central, permitindo a transvaloração, no interior do filosofar heideggeriano, por sua vez, o niilismo passa a ser algo negativo, enquanto um abandono do ser. Niilismo e abandono do ser se completam na filosofia de Heidegger.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluímos que o niilismo de Nietzsche tem uma importância fundamental na interpretação metafísica proposta por Heidegger. Em um primeiro momento analisamos que Heidegger ao interpretar o pensamento nietzschiano pôs em prática seu próprio modo de compreender a filosofia, articulando os conceitos de sua analítica existencial. O “esquecimento do ser” entendido pelo autor enquanto principal aspecto da filosofia ocidental se articula com o fenômeno do niilismo. O abandono do ser em relação ao ente e a falta da distinção ontológica entre ser e ente configuram o fundamento do niilismo contemporâneo. De acordo com a concepção heideggeriana de que o movimento de duplidade do ser exclui a presença do ente e a abertura do ente faz desaparecer o ser, não é possível atingir o ser através apenas da manifestação do ente, pois o que se encontra aí é o ser do ente, mas não se encontra o ser mesmo. Logo, o niilismo acarreta o esquecimento do ser como a desvalorização de todos os valores até então existentes.

Assim destacamos que mesmo sendo refutada uma interpretação metafísica feita pelo autor sobre os conceitos nietzschianos, destaca-se por outro lado à importância exercida por Nietzsche sobre o pensamento de Heidegger e o modo como nestas preleções (*Nietzsche I* e *Nietzsche II*) o conceito de niilismo se mostra central para uma melhor compreensão do que o autor de *Ser e Tempo* chamou de “esquecimento do ser” na história da filosofia ocidental.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CASANOVA, M. A. O homem entediado: niilismo e técnica no pensamento de Martin Heidegger. **Ekstasis - Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.x-y, 2012.

CRAGNOLINI, M. B. Nietzsche por Heidegger: contrafiguras de uma perda. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. x n.y10, p. 11-25, 2001.

HEIDEGGER, M. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche I**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009. 2v.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988. 1v.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989. 2v.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 1997.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

STEIN, E. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

STEIN, E. **Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana**. Ijuí: Unijuí, 2001.